

I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -

COM

PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS



VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM A MATEMÁTICA NA EJA NO
BRASIL, DESINVISIBILIZANDO AUTORIAS DOCENTES

Júlio César Augusto do Valle

IME-USP

julio.valle@ime.usp.br

Eixo 4 - Propostas curriculares e materiais didáticos no ensino de matemática na EJA

INTRODUÇÃO

Este texto sistematiza um projeto de pesquisa que se insere no contexto dos currículos de matemática da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e se justifica pela pouca existência de referenciais e parâmetros curriculares para essa modalidade de ensino. O fato de existirem poucos referenciais curriculares, sejam propositivos ou prescritivos, faz com que, cotidianamente, professores/as que ensinam matemática na EJA elaborem seus currículos a partir de priorizações que são constituídas individualmente ou em rede, considerando, por vezes, referenciais curriculares orientadores da prática da educação regular, sem lugar para a heterogeneidade e as especificidades das salas de EJA em nosso país. Nesse contexto, este projeto propõe constituir um panorama das diferentes práticas pedagógicas de ensino de matemática mobilizadas na EJA em diferentes territórios de nosso país.

A investigação proposta configura-se como um projeto de pesquisa-extensão, ou seja, um projeto de pesquisa que se desdobra, como indissociável, de um projeto de extensão (REIS e CAMPOS, 2015). Assim, este projeto decorre da prática sistemática de compartilhamento dos currículos pensados/praticados (OLIVEIRA, 2012; REIS e CAMPOS, 2015) por professores/as que ensinam matemática na EJA, dinâmica central do curso de formação continuada, intitulado “A matemática na Educação de Jovens, Adultos e Idosos”. A formação, já em sua segunda edição, tem sido coordenada pelo autor e pelas professoras XXXXX e XXXXX, promovida pelo XXXXX, com apoio institucional do XXXXX. Uma característica importante em relação à oferta de vagas consiste no fato de que, em ambas as

I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -

COM

PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS



edições da formação, tivemos a participação média de 02 professores/as que ensinam matemática na EJA em escolas públicas por estado brasileiro, abrangendo cerca de 18 estados brasileiros.

O curso de formação continuada de professores é oferecido de forma remota, com certificação de 60 horas, com encontros aos sábados de Março a Novembro, e se caracteriza com propósito de constituir uma comunidade de compartilhamento entre os cursistas, privilegiando espaços de troca, de reflexão sobre a prática de ensino de matemática na EJA e de criação conjunta. Pautamo-nos, por isso, por uma concepção de formação docente em que se evidencia a autoria docente por meio da tematização dos currículos pensados/praticados (REIS e CAMPOS, 2015).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar nossa orientação teórico-metodológica, remetemo-nos na Sociologia das Ausências e das Emergências de Boaventura de Sousa Santos (2002), devido à compreensão central de que parte da realidade que poderia estar presente é produzida ativamente como ausente ou inexistente ou como uma alternativa menos crível da realidade. Essa produção ativa de ausências corresponde a certa “racionalidade preguiçosa” e “indolente”, como caracteriza o autor, ao apresentar suas diferentes expressões:

(...) a razão impotente, aquela que não se exerce porque pensa que nada pode fazer contra uma necessidade concebida como exterior a ela própria; a razão arrogante, que não sente necessidade de exercer-se porque se imagina incondicionalmente livre e, por conseguinte, livre da necessidade de demonstrar a sua própria liberdade; a razão metonímica, que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se o faz, fá-lo apenas para as tornar em matéria-prima; e a razão proléptica, que não se aplica a pensar o futuro, porque julga que sabe tudo a respeito dele e o concebe como uma superação linear, automática e infinita do presente. (SANTOS, 2002, pp. 239-240)

De acordo com esse referencial, compreendemos que as criações curriculares cotidianas dos/das professores/as que ensinam matemática são produzidas ativamente como ausentes ou inexistentes, alternativas menos críveis da realidade, pelas prescrições

I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
COM
PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -



curriculares que com elas pouco ou nada interagem. Ao não reconhecê-las ou incorporá-las, muitas das políticas curriculares que conhecemos acabam por homogeneizá-las todas como práticas curriculares que precisam ser substituídas ou complementadas, desconsiderando a multiplicidade própria da realidade, que inclui práticas autorais consistentes.

Sob essa mesma perspectiva se funda a assunção de que “uma prática curricular consistente somente pode ser encontrada no saber dos sujeitos praticantes do currículo, sendo, portanto, sempre tecida, em todos os momentos e escolas” (ALVES et al, 2002, p. 42). As mesmas autoras, por esse motivo, argumentam que “existem muitos currículos em ação em nossas escolas, apesar dos diferentes mecanismos homogeneizadores, desde o apelo à tradição até os aparatos jurídicos constituídos com tal finalidade” (p. 43). Tais currículos em ação, assim como a diversidade epistemológica e pedagógica que lhes é intrínseca, têm sido sistematicamente desperdiçados pelas prescrições curriculares, de modo que ficam invisibilizados dentro de um grande e diverso conjunto de práticas que as propostas curriculares pretendem transformar.

Para tratar da criação curricular cotidiana de professores/as no interior das escolas, que Oliveira (2012, p. 3) denomina de currículos pensadospraticados, a fim de “deixar clara a indissociabilidade que entendemos existir entre prática e teoria, entre reflexão e ação”. Argumentamos, em consonância com a autora, sobre a necessidade de desinvisibilizá-los, torná-los públicos, para que seja possível ampliar a institucionalidade desses currículos nas disputas que caracterizam a tessitura social e, em particular, o território contestado do campo curricular. Esse movimento corresponde à ampliação da pressão dessas práticas as disputas sociais características da produção curricular: “A ampliação da pressão das práticas emancipatórias sobre elas pode contribuir decisivamente para a legitimação em textos de práticas e abordagens hoje marginais” (OLIVEIRA, 2012, p. 14).

Posto isso, podemos afirmar que, no âmbito da Sociologia das Ausências e das Emergências (SANTOS, 2002), desinvisibilizar os currículos pensadospraticados consiste na orientação teórica que viabiliza a emergência de toda a diversidade e multiplicidade das práticas curriculares que vêm sendo produzidas ativamente como ausentes e inexistentes.



METODOLOGIA

Metodologicamente, este projeto se estrutura a partir dos estudos bibliográficos e da revisão de literatura sobre Educação Matemática de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas e sobre a própria modalidade da EJA e sua constituição no Brasil. Os referenciais curriculares utilizados pelos docentes serão também analisados segundo a metodologia de análise documental, sob a perspectiva de como interagem professores/as e materiais curriculares e didáticos de matemática.

Os currículos de matemática pensados/praticados pelos/as docentes da EJA, participantes do curso de extensão, serão registrados, estudados e compartilhados seguindo os procedimentos adotados por Reis & Campos (2015) e Oliveira (2012). Nesse sentido, o compartilhamento sistemático das práticas pedagógicas desses/as professores/as, promovido durante a formação continuada, permite a identificação de um amplo conjunto de experiências docentes com a matemática na EJA. Em trabalhos anteriores, descrevemos as práticas pedagógicas compartilhadas durante o curso de formação continuada em sua edição de 2021 (XXXX, 2021; XXXX e XXXX, 2021)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E RESULTADOS

Apesar da relevância da constituição de uma comunidade de partilha, ou de compartilhamento, entre tais docentes, foi preciso considerar que muitos desses currículos de matemática pensados/praticados na EJA não se tornariam efetivamente públicos, caso não extrapolassem o âmbito do próprio curso. Desse modo, além de constituir uma comunidade de compartilhamento entre os/as professores/as, e visando o fortalecimento da dimensão de sua autoria docente, os coordenadores propuseram aos cursistas o oferecimento de um minicurso durante o 21º Encontro XXXXX.

A partir da sistematização da prática dos/das docentes que se interessaram pela proposição, promoveu-se o minicurso “Vivências e experiências matemáticas na EJA pelo Brasil”, que ocorreu durante uma semana no mês de Janeiro. Durante a realização do

I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
COM
PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -



minicurso, “os professores assumiram o papel de formadores e puderam compartilhar suas práticas e experiências com outros docentes da EJA”, permitindo-nos afirmar que “o protagonismo desses professores na construção e comunicação de suas práticas reforça a necessidade de visibilização dos currículos pensadospraticados” (XXXXX, 2022, p. 8). Foram compartilhadas as seguintes experiências:

- “Minha prática pedagógica durante a pandemia” (docente de Juiz de Fora/MG);
- “Aprendizagem dialógica: grupos interativos de matemática na educação de pessoas jovens e adultas” (docente de São Carlos/SP);
- “Aprendizagem colaborativa em matemática nas turmas da EJA” (docente de Manaus/AM);
- “Jogo Mancala em sala de aula: uma vivência etnomatemática na EJA” (docente de Maragogi/AL);
- “Atividades práticas com Geometria - Usando Figuras geométricas na costura” (docente de Vitória da Conquista/BA)
- “A matemática na EJA: possibilidades para o ensino de equação do primeiro grau” (docente do Rio de Janeiro/RJ)
- “Sistemas de Numeração: a brincadeira do nunca dois” (docente de Macapá/AP);
- “Participação política e a desigualdade de gênero nas aulas de matemática” (docente de São Paulo/SP). (XXXXX, 2022, p. 9)

Registrar seus currículos pensadospraticados de matemática, sistematizá-los e escolher elementos para enfatizar durante a apresentação configurou um exercício bastante formativo aos docentes, cursistas da primeira edição da formação, atuando na condição de ministrantes. Sob a perspectiva de Ponte (2002, p. 3), podemos afirmar que esse exercício permite que os professores se assumam como “autênticos protagonistas no campo curricular e profissional”, contribuindo “para a construção de um patrimônio de cultura e conhecimento dos professores como grupo profissional”. Desinvisibilizar seus currículos pensadospraticados, torná-los públicos por meio da oferta do minicurso, amplia, portanto, a institucionalidade dessas práticas na disputa curricular na medida em que são reconhecidos como autênticos referenciais curriculares.

I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
COM
PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -



REFERÊNCIAS

ALVES, N.; MACEDO, E.; MANHÃES, L. C.; OLIVEIRA, I. B. **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, I. B. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos pensados praticados. **Revista e-curriculum**, v. 8 n. 2, 2012, pp. 1-22.

PONTE, J. P. Investigar a nossa própria prática. IN: GTI (Org.) **Reflectir e investigar sobre a prática profissional**. Lisboa: APM, 2002, pp. 3-28.

REIS, G. R. F. S.; CAMPOS, M. S. N. Conversas de professoras, currículos pensados praticados e justiça cognitiva: por uma políticaprática de formação docente emancipatória. 37º Reunião Nacional da ANPED, **Anais...**, pp. 1-18, 2015.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.